

O ensino da concordância verbal nos livros didáticos: prescrição e uso

Roberta Magalhães D. do Couto

Vanessa do Valle Rodrigues

Gerson Rodrigues da Silva ()*

Introdução

O ensino de língua passou por várias transformações, especialmente após a metade da década de 1960, quando se iniciaram os estudos linguísticos acerca dos textos. Pelas grandes contribuições que trouxeram, atualmente, há um consenso entre os linguistas de que as aulas de língua portuguesa devam se realizar em torno dos textos (MARCUSCHI, 2008).

As atividades de leitura e escrita de textos nas aulas de língua devem contemplar a diversidade dos gêneros textuais que circulam na sociedade e o enfoque deve ser que os aprendizes sejam conscientizados de que os recursos linguísticos existentes são ativados essencialmente para produção de sentido e a interação social (BAGNO, 2012). Entretanto, nos momentos de análise linguística, percebe-se que o trabalho tem se voltado para o estudo de regras gramaticais, de forma descontextualizada. “O problema é fazer de uma metalinguagem técnica e de uma análise formal o centro do trabalho com a língua” (Marcuschi, 2008, p. 57). Nesse sentido, deixa-se de estudar a língua em uso para privilegiar o estudo mecanizado de regras, fugindo, assim, do propósito de desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

Um fator que contribui significativamente para essa problemática é a abordagem tradicional ainda presente nos livros didáticos - principal instrumento de trabalho docente -, os quais deveriam oferecer propostas que tratassem das variedades da língua falada, o

(*) *Roberta Magalhães Dias do Couto* é mestranda em Letras pelo PROFLETRAS/UFRRJ, professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal do Rio de Janeiro e do Governo do Estado do Rio de Janeiro. *Vanessa do Valle Rodrigues* é mestranda em Letras pelo PROFLETRAS/UFRRJ, professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Queimados-RJ. *Gerson Rodrigues da Silva* é Coordenador do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFRRJ, membro do Conselho Gestor do Programa, doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense.

conceito da norma-padrão e o de preconceito linguístico (EF69LP55) e, além disso, que promovessem o uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deva ser usada (EF69LP56). (BRASIL, 2018)

Desse modo, propõe-se, neste estudo, fazer uma análise da abordagem do tópico gramatical *Concordância Verbal* em dois livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Para isso, tomaremos como referência os documentos oficiais norteadores do ensino de língua materna – BNCC e PCN e, ainda, consideraremos os postulados de estudiosos da língua, no intuito de promover uma reflexão quanto aos recursos didáticos escolhidos pelos docentes e ao que pode ser realizado em prol da qualificação da educação pública brasileira.

Aporte teórico

Todo aluno, ao ingressar na escola, já possui uma gramática internalizada, que atende a todos os contextos de interação de que participa. É necessário, pois, que o professor considere esse conhecimento e o tome como ponto de partida para ampliá-lo nas aulas de língua portuguesa. Essa gramática é a que define o funcionamento de uma língua, por isso, segundo Antunes (2007), não existe língua sem gramática. Nem gramática fora da língua. Além disso, consoante à autora, “existe a ideia simplista e ingênua de que apenas a norma culta segue uma gramática. As outras normas funcionam sem gramática. Movem-se à deriva. Ora, toda língua – em qualquer condição de uso – é regulada por uma gramática” (ANTUNES 2007, p. 27).

Ampliar o conhecimento discente a partir de sua gramática interna deve ser entendido aqui como desenvolver a competência linguística dos alunos de forma que eles possam circular em diversas esferas sociais confiantes de que a sua fala não será desprestigiada, pois eles saberão adequá-la conforme o contexto social frequentado.

Mas, para que isso ocorra, é necessário que o aluno amplie o seu repertório linguístico adquirindo os conhecimentos preconizados na gramática normativa, definida por Azeredo (2010, p. 130) como “um conjunto de competências e instrumentos que podemos adquirir por acréscimo a tudo o que já se aprendeu espontaneamente em toda espécie de convívio social”. E esse mesmo autor complementa em seguida que “o lugar

da língua (ou norma) padrão não é o de substituta de qualquer variedade conhecida e empregada pelos cidadãos, mas o de um saber a mais ... útil a novas experiências culturais” (p. 131).

A partir dessas reflexões, ao tratarmos da necessidade de o professor ampliar a capacidade interacionista dos seus alunos, citamos Travaglia (2009, p.17-20), que nos apresenta quatro respostas possíveis para um ensino de português a falantes nativos, mas, para efeitos práticos deste trabalho, iremos citar apenas dois:

A primeira resposta já foi trazida em nossas reflexões que é “a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação”, sendo necessário “propiciar o contato do aluno com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa ... é preciso realizar ‘a abertura da aula à pluralidade de discursos’. E isso passa pela valorização do dialeto trazido pelo aluno para dentro da escola.

A segunda resposta é promover um ensino em que o aluno consiga dominar a norma-padrão “por razões de natureza política, social e cultural”. Tal objetivo, Travaglia entende como sendo “mais restrito que o de desenvolvimento da competência comunicativa”, mas reconhece a sua importância em “determinados tipos de interação comunicativa”. Por isso Geraldi (2011, p. 44) defende que

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão sem que signifique a depreciação da forma predominante em sua família, em seu grupo social, etc.

Portanto, cabe à escola reduzir “o abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta ...” (BAGNO, 2007, p. 16) e acrescenta que “como a educação ainda é um privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta”. E, nesse mesmo diapasão, Faraco (2008) declara que

muitas pessoas sofrem constrangimentos públicos e até humilhações por usarem uma forma linguística que alguns consideram como errada.

E ele destaca que “ninguém é obrigado a adotar as inovações. Qualquer um de nós pode perfeitamente ser mais conservador em matéria de língua. Mas o fato de ter uma atitude mais conservadora não lhe dá o direito de condenar os que usam formas mais inovadoras, em especial se elas já são correntes entre os falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita.

Em consonância com esses autores, buscamos extrair o que a Linguística trouxe de positivo ao ensino de língua materna,

como as noções de linguagem e língua, de variedades e registros; a noção de que não há língua que não evolua; a noção de que o uso e os fatos devem prevalecer sobre preconceitos normativistas – e, sobretudo, que a língua é um saber interior, pessoal, dos falantes, de onde o ensino deve partir e em que deve, sempre, se basear. (LUFT, 2008, p. 99)

Sendo assim, torna-se primordial que os livros didáticos distribuídos nas escolas públicas estejam em conformidade com os estudos linguísticos, visto que muitos professores utilizam esses livros como suporte precípuo para as suas aulas.

Metodologia

O presente trabalho teve como norte autores que se debruçam sobre estudos da língua, na perspectiva da sociolinguística, e visa analisar e comparar dois livros didáticos divulgados nas escolas públicas no PNLD 2017 e 2020.

A escolha dos livros se deu pelo fato de serem utilizados por professores da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro e por objetivarmos não somente a reflexão sobre as práticas docentes, mas, sobretudo, a implementação de um trabalho em consonância com os estudos linguísticos recentes.

Para essa observação, escolhemos o tópico gramatical *Concordância Verbal*, tendo em vista que essa temática traz evidências do preconceito linguístico, caso não seja trabalhada sob o viés da variação linguística presente em qualquer idioma, afinal “os diversos falares não são mais do que faces da mesma língua.” (LUFT, 2008, p. 69).

Busca-se analisar, nesses dois livros, quais diretrizes segue o capítulo destinado a *Concordância verbal*, ou seja, se a exposição teórica e os exercícios propostos permitem um ensino direcionado para reflexão, baseado nas práticas sociais de uso real, em que se reconhece a heterogeneidade da língua; ou um ensino pautado na suposta homogeneidade da língua, em que a variação linguística é vista como “erro” pelos conservadores da língua.

Sendo assim, seguimos os passos sugeridos por Luft (2008, p. 90) a estudantes de Letras em “comparar gramáticas, item por item, verificando as incoerências, falhas, erros” de modo a desenvolver o espírito crítico. No caso em questão, iremos analisar o tópico *Concordância Verbal*.

Análise e comparação dos livros didáticos

O presente trabalho buscou, por meio da análise de dois livros didáticos adotados em escolas públicas, avaliar se as aulas de Língua Portuguesa são pautadas em um ensino prescritivo, seguindo os moldes tradicionais e descontextualizados da realidade do aluno, ou um ensino reflexível, pautado no uso da língua, preconizando as diversas possibilidades de expressão, assim como considerando o contexto de produção, objetivo e interlocutor, tanto no âmbito da fala quanto da escrita. As obras avaliadas foram *Português Projeto Teláris* (PNLD 2017), da editora Ática, dos autores Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchesi; e *Língua Portuguesa Geração Alpha* (PNLD 2020), da editora SM Educação, dos autores Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Mirella L. Cleto.

Os autores do livro *Projeto Teláris – 9º ano*, antes de abordar especificamente o tópico *Concordância verbal*, fizeram uma abordagem panorâmica do que vem a ser *Concordância*. Nessa etapa, pertinentemente, partem de um trecho do poema *Vaca Estrela e Boi Fubá*, de Patativa do Assaré, por meio do qual sugerem ao professor que convide os alunos a refletirem sobre as variedades de uso da língua. Pois, segundo Possenti (2011, p. 35), “todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma.”

Essa “perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que a gramática é a própria língua em uso” (TRAVAGLIA, 2009, p. 109), especialmente porque o eu lírico do texto é oriundo da região Nordeste. Por usar uma linguagem representativa da oralidade dessa região, por vezes seus falantes não realizam a concordância segundo à norma-padrão, como no verso: “As águas *corre* dos *olho*..”

É oportuno considerar que dentro dos estudos da CV é primordial refletir a respeito da variação da língua para não estimularmos o preconceito linguístico, tendo em vista o caráter heterogêneo da língua. Sua desconsideração pode passar a percepção para o estudante que a língua utilizada por ele é errada devido à diferença expressiva entre as regras estipuladas pela gramática normativa e o uso rotineiro adotado por esse aluno, conforme a sua gramática internalizada¹. A língua utilizada por qualquer falante representa a sua identidade como indivíduo inserido na sociedade, conforme menciona Antunes (2007, p. 22):

A língua não pode ser vista tão simplistamente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que juntam para formar frases, a volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, ou desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: Eu sou daqui.

Diante do exposto, o professor ao trabalhar com esse tópico precisa de uma cautela maior para que não seja um vetor de preconceito linguístico², sendo necessário não somente respeitar a variação linguística trazida pelo seu aluno, mas também proporcionar debates que ampliem a visão desse educando do que seja a língua como “ferramenta

¹ Trata-se da terminologia adotada por Luiz Carlos Travaglia (2009, p. 32), em que o autor distingue três sentidos para o termo gramática, sendo um deles a internalizada, que se refere ao “conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua”. Por outro lado, cabe destacar que existem outras nomenclaturas para essa gramática de acordo com o autor, por exemplo Azeredo (2010, p. 128) adota a terminologia “gramática geral ou universal” enquanto Luft se utiliza do termo “gramática natural” (2008, p.33).

² Sugerimos a leitura de Marli Quadros Leite (2008) em que ela faz a distinção entre intolerância linguística e preconceito linguístico.

inclusiva”. Trabalho este realizado numa perspectiva sociointeracionista, consoante aos atuais estudos linguísticos.

Segundo Bagno (2007) a fala nordestina sempre é apresentada de forma grotesca para provocar risos. Ninguém critica o fenômeno fonético conhecido de palatalização observado na fala dos moradores do sudeste, como é o caso da variação africada (chiada) [tʃ] diante da vogal /i/ pronunciada pelos cariocas, mineiros ou capixabas.

Quando um falante do Sudeste ouve um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita oito como [oytʃu], ele acha “muito engraçado” ou “ridículo”. O fenômeno é o mesmo – palatalização –, o [y], está antes do [t] e não depois dele (BAGNO, 2007, p.61).³

Apesar de a obra analisada apresentar sugestões direcionadas ao professor com observações relevantes para que ele complemente junto aos seus alunos a leitura do texto sugerido (poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, do Patativa do Assaré), tais como: deve-se usar as chamadas “normas urbanas de prestígio”⁴, em situações mais monitoradas e que, por outro lado, é necessário o domínio de outras variantes da língua, ao trabalhar com o texto em questão pode confirmar a norma curta que limita os usuários da língua no certo e no errado (FARACO, 2008), contribuindo para os puristas de plantão em seus “consultórios gramaticais” (BAGNO, 2007).

Outra inconsistência é que, embora o estudo de CV esteja inserido no subtópico *Língua: usos e reflexões*, o conteúdo se apresenta de forma *prescritiva*, em que o aluno precisa decorar exemplos/regras, de forma descontextualizada, focalizando somente em como a gramática descreve as regras de concordância: “Neste capítulo, vamos estudar como a gramática descreve as regras de concordância para usos formais.”(p. 244); alguns dos exemplos são trechos retirados dos textos trabalhados no início do capítulo, ou seja, o texto foi utilizado como pretexto para abordar o tópico ou são trechos aleatórios.

³ Para compreender a parte da Linguística que aborda o aspecto sonoro da língua, sugerimos a visita ao site www.fonologia.org

⁴ Normas urbanas de prestígio, segundo Faraco (2008, p. 46) é a variedade falada pelas populações tradicionalmente urbanas, situadas na escala de renda de média a alta e, que, por isso, têm garantido para si, historicamente, bons níveis de escolaridade e o acesso aos bens da cultura escrita.

Assim, podemos observar que a obra em questão, Projeto Teláris, destoa parcialmente dos estudos linguísticos no tocante à abordagem dos conteúdos gramaticais, que em nossa tela é a CV. A exposição das regras gramaticais para o uso da CV se dá predominantemente de forma mecanizada e artificial, como se pode observar no exemplo a seguir, retirado do livro:

1. Sujeito formado por pronomes no plural

- Se o nome no plural vier antecedido de artigo, o verbo concorda com o número do artigo:

No fim do século XVII, *as* Minas Gerais *receberam* milhares de europeus, colonos e escravos, atraídos pela descoberta do ouro.

- Se o nome não vier antecedido de artigo, o verbo fica no singular.

Minas Gerais *ganhou* o prêmio dos melhores projetos culturais.

Fonte: Português – Projeto Teláris – 9º ano, p. 247.

A exceção só ocorre na exposição da regra geral “O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere” (p. 245), por trazer reflexões a respeito de qual das duas frases citadas é a mais adequada ao contexto formal. Veja:

1) Aos poucos as regras de conduta *invadem* o recôndito da vida pessoal.

2) Aos poucos as regras de conduta *invade* o recôndito da vida pessoal.

Português – Projeto Teláris – 9º ano, p. 245.

Por meio dos exemplos acima, além de refletir sobre as possibilidades de concordância entre o verbo e os nomes com que se relacionam, o professor tem a oportunidade de problematizar a questão da variação linguística, destacando que em situações informais tais regras podem ser flexibilizadas em prol do ambiente social que a pessoa esteja interagindo e conforme os seus interlocutores e seus objetivos. Dessa forma, estará contribuindo para atenuar os efeitos do preconceito linguístico.

Na seção *No dia a dia*, demonstrada na próxima imagem, observa-se um outro ponto positivo da obra: as regras de CV podem ser flexibilizadas, inclusive por pessoas com maior grau de escolaridade e, na sequência, há comentários sobre *outras possibilidades de concordância* na fala cotidiana, o que permite o esvaziamento da visão de que pessoas sem instrução falam tudo errado ou de que existe apenas uma única possibilidade de uso da língua. Dessa forma, a escola torna-se espaço de pluralidade dos discursos e permite combater o mito da homogeneidade da língua. Conforme demonstra Bortoni-Ricardo (1984 apud Bagno, 1999, p. 18) é importante não confundir

a ideia de “monolinguismo” com a de “homogeneidade linguística”. O fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica, automaticamente, que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo.

No dia a dia

Concordância

Na linguagem mais espontânea do cotidiano, principalmente em situações em que não estamos planejando nossa fala ou nossa escrita, é muito comum fazermos a concordância verbal de determinados casos de outras formas. Isso acontece mesmo com pessoas com maior grau de escolaridade.

Leia e compare as frases:

Há quem compra tudo pela internet.

Há quem compre tudo pela internet.

São exemplos de relações de concordância com o pronome *quem*. Seguindo a norma gramatical, o verbo deve ser empregado na 3ª pessoa, como está na frase “Há quem **compre** tudo pela internet”.

Porém, no dia a dia, os usos relativos à 3ª pessoa e à 2ª pessoa podem se confundir e é comum o uso do verbo em relação ao *quem* não seguir as regras da gramática normativa e concordar com a ideia. Veja:

Eu é quem fiz o conserto da porta.

em vez de:

Eu é quem fez o conserto da porta.

Fonte: Português – Projeto Teláris – 9º ano, p. 249.

Outro aspecto que vale a pena dar destaque é a proposta de exercícios - fato este que ocorre tanto no capítulo 8 quanto no 9 -, em que há atividades (descontextualizadas) de fixação das regras da gramática tradicional, que incitam um trabalho mecânico e não reflexivo, nas quais os alunos devem identificar a forma verbal que concorde adequadamente com o sujeito. Das 11, apenas a questão a seguir revela um trabalho que promova a reflexão quanto ao emprego da concordância, inclusive os autores comentam (em azul) que algumas escolhas podem causar estranheza, mas são aceitas pela gramática

normativa; e outras são mais comuns no uso diário. As demais seguem os métodos tradicionais.

9. que sinalizam vida em estrela jovem.

Embora as frases "Um grupo de cientistas detectaram" e "equipe de cientistas também detectaram" possam soar estranhas, os alunos devem saber que são aceitos pelas regras da gramática normativa. Entretanto, devem também analisar o que é mais comum no uso do dia a dia e fazer as adequações. No caso a concordância no singular pode "soar" melhor do que a concordância no plural.

9. Você é o revisor do texto.

A matéria seguinte está praticamente pronta para ser publicada em uma página da internet. Reescreva-a corrigindo a concordância verbal quando necessário ou quando achar mais adequado:

Cientistas acham componentes que sinaliza vida em estrela jovem

Um grupo de cientistas detectaram, pela primeira vez, componentes orgânicos essenciais ao redor de uma distante estrela jovem, o que corrobora a possibilidade de haver vida além do Sistema Solar. Segundo um artigo que será publicado na quinta-feira (8) pela revista científica *Nature* e que foi avançado em comunicado do Observatório Meridional Europeu (ISSO), esta equipe de cientistas também detectaram "grandes quantidades de cianeto de metilo (CH₃-CN) no disco protoplanetário que rodeia a jovem estrela MWC 480".

Adaptado de: Uol Notícias. Disponível em: <noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/efe/2015/04/08/componentes-essenciais-para-vida-junto-a-estrela-sao-encontrados-pela-1-vez.htm>.
Acesso em: 7 abr. 2015.

Fonte: Português – Projeto Teláris – 9º ano, p. 252.

A criança aprende a falar, falando, errando, sendo corrigida... ora acerta, ora erra e, nesse processo, ela vai aprendendo essa atividade linguística de forma gradativa, conforme a sua necessidade momentânea. No que se refere à aquisição da norma-padrão⁵, deveria ocorrer da mesma forma. Conforme esclarece Possenti (2011, p. 36), "Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas", e como práticas significativas não é apresentar a teoria pronta para o aluno, mas sim, segundo o mesmo autor:

Se pensarmos bem, concluiremos que não é necessário estudar gênero, número, concordância etc., a não ser quando os alunos efetivamente erram "e naqueles casos em que erram. Se erram em estruturas como "os livro(s)", que isso seja trabalhado; mas se nunca dizem "vaca preto", para que insistir em estudar o gênero de "vaca"? (POSSENTI, 2011, p. 37)

⁵ O presente trabalho não faz a distinção entre norma-culta e norma-padrão conforme Carlos Alberto Faraco sugere em seu livro (2008) "Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós", pois preferimos trabalhar os dois termos como sinônimo da mesma forma que os autores Travaglia, Possenti, Luft dentre outros.

Por isso, o ensino de gramática deve ser norteado a partir da escrita dos próprios alunos, em que o professor, ao corrigir atentamente, observará a dificuldade gramatical mais recorrente na turma, a fim de elaborar atividades que os façam refletir sobre seus erros, no intuito de fazer um melhor dos recursos gramaticais da língua.

A próxima obra a ser analisada é a *Língua Portuguesa Geração Alpha*. Nela, o assunto CV é trabalhado no nono ano do Ensino Fundamental, na seção “Língua em Estudo” e está vinculado ao estudo do gênero *roteiro*, em que a caracterização dos personagens se dá por meio da linguagem deles e que, por vezes, não segue a norma-padrão. Importante destacar que trabalhar com o gênero *roteiro* associado ao estudo da língua com foco em CV é bastante relevante para os estudantes, porque poderão ter a oportunidade de verificarem o fenômeno da variação em seu contexto real de uso, em consonância com a competência específica de Língua Portuguesa na Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 87): “Compreender a língua como fenômeno cultural, social, variável e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidade de seus usuários e da comunidade a que pertencem”.

Observa-se na figura abaixo que a obra *Geração Alpha* não expõe a teoria gramatical de forma alienada para memorização de frases, fora de um contexto real, mas sim a partir do trecho da minissérie “Hoje é Dia de Maria”⁶, favorecendo ao aluno a reflexão da língua e, dessa forma, contribuindo para a competência linguística dele.

⁶ Escrito inicialmente em 1995 pelo dramaturgo Carlos Alberto Soffredini (1939-2001). O projeto não prosseguiu na ocasião, mas, em 2003, foi retomado. Após alguns contratemplos, a filha do dramaturgo indicou o dramaturgo para expandir os capítulos originais e elegeu Luís Alberto de Abreu para a tarefa. Em 2005, a minissérie integrou a programação de comemoração de 40 anos da TV Globo.

LÍNGUA EM ESTUDO

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. Releia as falas do roteiro.

MARIA
[...] vou curar essa ferida!

MARIA
[...] A luz do sol logo vai ferir sua pele...

MARIA
[...] os dias vão demorar tanto a passar...

a) Copie os quadros no caderno e preencha-os com informações sobre os verbos indicados na primeira coluna.

	Flexão em pessoa	Sujeito
vou
vai

	Flexão em número	Sujeito
vai
vão

PASSAPORTE DIGITAL

Memória Globo
No portal *globo.com*, a página Memória Globo disponibiliza informações sobre antigas produções da emissora, entre elas, *Hoje é dia de Maria*. Sobre a minissérie, é possível conhecer a trama principal, informações técnicas, fotografias, vídeos, trilha sonora

b) Na primeira fala de Maria, se no lugar da primeira pessoa do singular fosse utilizada a primeira pessoa do plural, como o verbo *vou* seria flexionado?

c) Na segunda fala de Maria, se no lugar de "a luz do sol" fosse utilizada a expressão "os raios do sol", como o verbo *vai* seria flexionado?

d) Na terceira fala de Maria, se no lugar de "os dias" fosse utilizada a expressão "o tempo", como o verbo *vão* seria flexionado?

e) Que termo da oração determina a pessoa e o número de um verbo?

ANOTE AÍ!
Entre o verbo e o sujeito de uma oração existe uma relação de conformidade: o verbo deve **concordar** com o sujeito em **número** e **pessoa**.

Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha – 9º ano, p. 164.

O aluno é conduzido a refletir sobre a relação entre o sujeito com o verbo na frase a partir da fala da personagem Maria e somente na sequência que a regra é apresentada ao aluno. As regras específicas de CV são vinculadas aos diversos sentidos que o falante pode almejar. E nesse aspecto a teoria gramatical é demonstrada de forma mais racional, o que facilita a absorção delas. E, nesse sentido, Franchie (1987: 14-15) apud Travaglia (2009, p. 224) explica que os problemas enfrentados no ensino de gramática:

a repetição totalmente inconsciente de fórmulas, sem qualquer reflexão sobre o sentido, sem qualquer reflexão sobre o fim com que se faz gramática e sobre o modo como se faz gramática e também sem uma reflexão sobre para que serve e como se constrói a metalinguagem que se insiste em passar para os alunos, julgando com isso atingir propósitos a que uma teoria gramatical pode levar.

Nas páginas seguintes, percebe-se a preocupação dos autores em tratar a concordância em suas várias formas de ocorrência: com sujeito expreso ou não, anteposto ou posposto ao verbo, verbos impessoais etc, além de esmiuçar termos que os alunos possam ter dificuldades de compreender, como a regra “expressão com fração, o verbo concorda com o numeral”. Nesse caso, há a sugestão dos autores de se fazer a analogia: um terço equivale a dizer “uma parte do todo dividido em três partes”, por isso o verbo fica no singular, concordando com o numeral um”.

Na parte destinada aos exercícios, como se pode observar na imagem abaixo, os autores da obra continuam com a mesma postura reflexiva da exposição teórica, porém em um nível um pouco mais complexo, em que os alunos precisarão dentro de um contexto comunicacional (gênero tira ou trecho de uma notícia) para compreenderem sentidos específicos de verbos ou palavras para aplicarem as regras da CV específicas ao caso.

2. Leia o trecho de uma notícia publicada em um jornal.

No que se refere à participação política das mulheres, dobrou **o número de parlamentares mulheres ao redor do mundo**, embora elas representem apenas um em cada cinco parlamentares.

No entanto, **os números de violência contra a mulher** continuam “inacessivelmente altos”, aponta o relatório.

ONU denuncia níveis alarmantes de violência contra a mulher. *Folha de S.Paulo*, 9 mar. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/03/1600756-onu-denuncia-niveis-alarma-ntes-de-violencia-contra-a-mulher.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

- Nesse contexto, qual é o significado de *número* e de *números*, respectivamente?
- Identifique o núcleo dos dois sujeitos destacados no trecho acima.
- Agora, identifique as formas verbais que acompanham esses sujeitos.
- Considere a oração “O número de parlamentares mulheres ao redor do mundo dobrou”. Suponha que o sujeito fosse “o número de parlamentares mulheres e de meninas matriculadas na educação primária ao redor do mundo”. Haveria alteração na flexão do verbo *dobrar*? Explique sua resposta.
- O verbo *melhorar* seria escrito no singular ou no plural após o sujeito “a taxa de mortalidade materna e o acesso de mulheres a postos de trabalho”? Explique.
- Se no exemplo do item e o verbo *melhorar* estivesse antes do sujeito, ele poderia ser escrito no singular? Por quê?

Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha – 9º ano, p. 167.

A obra, na seção “A Língua na Real”, mesmo após distintas reflexões sobre a língua, reforça a conscientização dos alunos a respeito da variação linguística presente

em qualquer idioma, visto que “os falantes de uma língua não se expressam do mesmo modo”, e a escolha pelo gênero *roteiro* foi primordial para isso. E destaca no box “Anote aí” que mesmo os falantes da variedade de prestígio, algumas vezes, apresentam dificuldades de encontrar o sujeito da oração e, por isso, não aplicam a regra de concordância pertinente.

No tocante às orientações no box, cabe frisar que não foi feita nenhuma referência do porquê de existirem variedades que são consideradas de prestígio e outras que não são, sendo necessária a intervenção do professor nesse momento.

A LÍNGUA NA REAL

A CONCORDÂNCIA VERBAL E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

1. Leia esta fala de Maria.

MARIA
As horas da noite são curta, as do dia tarda tanto a passar.

 - Examine a concordância de cada verbo com seu respectivo sujeito. Explique se, em cada um deles, o princípio básico de concordância foi seguido.
2. Agora, leia esta fala de Maria.

MARIA
Nóis recebemo a bênção do amor divino...

 - a) As palavras *nóis* e *recebemo* não estão grafadas segundo a norma-padrão. O que determinou, no roteiro, essa forma de grafá-las? Segundo a gramática, essas palavras correspondem a que formas vigentes?
 - b) Por meio da resposta ao item *a*, pode-se afirmar que, na fala de Maria, não houve aplicação da concordância verbal segundo a norma-padrão? Por quê?
3. Retome a reflexão que você fez na atividade 1. Dê um motivo de natureza linguística para o não uso da concordância verbal.

Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha – 9º ano, p. 169.

A coleção *Geração Alpha*, na parte do ensino de CV, não deixa lacunas para falhas de compreensão no tocante a falácias de que o “português é difícil” ou de que “somente a classe prestigiada da sociedade sabe falar português”; consegue respeitar a variedade linguística trazida pelo aluno, pois não a considera como erro, mas como manifestação do grupo a que pertence. Trabalhar com o gênero *roteiro* contribuiu bastante para isso. A obra proporciona um ensino sistematizado dos conhecimentos sobre a língua e, por conseguinte, possibilita a compreensão, por parte do aluno, dos diversos recursos

expressivos disponíveis a ele para se expressar sem nenhum constrangimento no momento de interação em contextos sociais, inclusive os não habituais a ele.

Sendo assim, de um modo geral, permite ao professor promover um ensino que desenvolva a competência linguística dos alunos, porque evidencia-se que o trabalho da gramática se deu

em uma perspectiva da interação comunicativa e do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, o professor consegue fazer uma real integração entre os diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna: ensino de gramática, leitura (compreensão de textos), redação (produção de textos orais ou escritos) e vocabulário, ao contrário da prática não textual em que eles são quase estanques, sem qualquer inter-relação. (TRAVAGLIA, 2009, p.236).

Reflexões finais

A língua como produto cultural reflete a heterogeneidade da sociedade que a criou. Portanto, o tratamento tradicional dado pelas escolas nas aulas de Língua Portuguesa é opressor no momento que limita o falante a regras engessadas e alienantes, por meio de atividades com propósitos apenas de fixação para a memorização das regras estabelecidas nos livros de gramática.

Concordamos com Antunes (2003) quando ela afirma que os documentos oficiais, de certa forma, conferem legitimidade ao professor para trabalhar de modo diferente: articulando o uso da língua em diversos contextos sociais à sua reflexão. Como os livros didáticos para muitos professores são os principais - e mais usados - instrumentos disponíveis para embasar o seu trabalho, torna-se primordial avaliar se tais livros estão fundamentados na perspectiva *prescritiva* ou *reflexiva* da língua.

Os documentos oficiais (PCN e BNCC) reorientam o trabalho pedagógico com concepções provenientes dos estudos linguísticos, mas ainda hoje persistem aulas de língua portuguesa pautadas no ensino mecanicista, baseadas exclusivamente em nomenclaturas ou classificações gramaticais.

Nessa propositiva, em relação aos livros didáticos, constatamos que a formação continuada do professor é primordial para mediar a abordagem dos livros didáticos junto aos seus alunos, tendo em vista que, apesar desses livros mencionarem o fenômeno da variação linguística à parte para o professor, os exercícios e as exposições, em sua

maioria, são direcionados à fixação de regras, com frases soltas, utilizando o texto como pretexto. É o que se observa no primeiro livro analisado.

Em relação à segunda obra, talvez, por um dos seus autores ser um linguista de formação, apresentou uma perspectiva mais voltada para os estudos linguísticos contemporâneos, que expõem as regras gramaticais, sim, todavia o fazem por meio de um estudo centrado em textos. Sendo assim, os supostos “desvios” linguísticos são na verdade vistos como fatos da língua e não erros.

Tendo como premissa que o ensino deve ser norteado pelas dificuldades reveladas pelos alunos em suas produções textuais, conforme postula Travaglia(2009), ou seja, que o professor deve averiguar se os alunos já fazem adequadamente ou não o emprego da concordância nas sentenças, seu trabalho será de utilizar essas limitações reveladas como ponto de partida, assim como ocorre na obra *Alpha*, permitindo ao professor um espaço para problematizar a rigidez preconizada pela gramática normativa.

Dessa forma, criar espaços para reflexões, dentro da sala de aula, sobre a língua e seus usos nas diversas esferas comunicativas contribui não somente para a autonomia discente em suas produções textuais, por ocasião dos saberes construídos acerca das escolhas - que lhes permitirão obter os efeitos de sentidos pretendidos -, mas também para uma sociedade mais justa e sem preconceitos, uma vez que desconstrói mitos e estigmas acerca do falar do outro.

Referências

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**, São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AZEREDO, J. C de. **Gramática houaiss da língua portuguesa**. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. Disponível em: https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf. Acesso: 29 ago 2022.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

- Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- FARACO. C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: https://falaminhalingua01.files.wordpress.com/2020/05/kupdf.net_norma-culta-brasileira-desatando-alguns-noacutes-carlos-alberto-faraco-1.pdf. Acesso: 29 ago 2022.
- GERALDI. J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: ALMEIDA. M. J. *et al.* (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 10-16. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.PDPe.19998>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=19998@1>. Acesso: 29 ago 2022.
- LUFT. C. P. **Língua e liberdade: por uma concepção de língua materna**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MARCUSCHI. L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábora Editorial, 2008.
- POSSENTI. S. Sobre o ensino de português na escola. *In*: ALMEIDA. M. J. *et al.* (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 32-38.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma perspectiva para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade promover uma reflexão sobre o tratamento dado ao tópico gramatical *Concordância Verbal*, através da análise de dois livros didáticos do 9º ano do Ensino Fundamental, utilizados nas redes públicas de ensino. Visando a implementação de um trabalho com os mais recentes estudos linguísticos, teremos como base os documentos norteadores da área educacional, sejam eles a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais, e autores renomados no assunto, como Faraco (2008), Travaglia (2009) e Geraldi (2011) que reconhecem a importância de se trabalhar a norma-padrão dentro da sala de aula, desde que respeitando as diversas variações presentes na fala e/ou na escrita dos alunos, tendo em vista o caráter heterogêneo da língua; Marcushi (2008) que sugere o ensino da língua materna centralizado ao redor do texto, considerando o seu contexto de produção, objetivo e interlocutor. Nesse sentido, trabalhar com os gêneros textuais torna-se primordial para que o aluno interaja em diferentes contextos sociais, o que contribuirá para a ampliação da competência linguística discente e para promoção do exercício de uma efetiva cidadania, que passa por uma escola de qualidade.

Palavras-chaves: Concordância verbal. Ensino de Língua Portuguesa. Livro didático.

Abstract: The purpose of this work is to promote a reflection on the treatment given to the grammatical topic Verbal Agreement, through the analysis of two textbooks from the 9th grade of Elementary School, used in public schools. Aiming at the implementation of a work with the most recent linguistic studies, we will have as a base the guiding documents of the educational area, whether they are the Base Nacional Comum Curricular and the National Curricular Parameters, and renowned authors in the subject, such as Faraco (2008), Travaglia (2009) and Geraldi (2011) who recognize the importance of working with the standard norm within the classroom, as long as it respects the various variations present in the students' speech and/or writing, in view of the heterogeneous character of the language; Marcushi (2008) who suggests teaching the mother tongue centered around the text, considering its context of production, objective and interlocutor. In this sense, working with textual genres becomes essential for the student to interact in different social contexts, which will contribute to the expansion of students' linguistic competence and to promote the exercise of effective citizenship, which goes through a quality school.

Keywords: Verbal agreement. Portuguese Language Teaching. Textbook.

Recebido em: 2/02/2023.

Aceito em: 5/02/2023.